

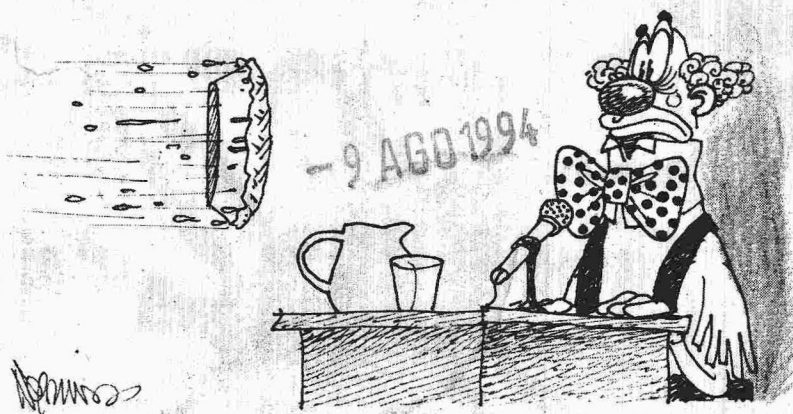
A guerra das bobagens

ROLF KUNTZ

JORNAL DA TARDE

A discussão dos problemas nacionais não começou, ainda, a menos de 60 dias do primeiro turno. Os dois principais candidatos não decidiram, até agora, falar ao eleitor interessado num bom debate a respeito do Brasil. Talvez nem julguem necessário ou conveniente. Fernando Henrique Cardoso tem demonstrado notável polidez. Não entra em assunto que possa ofender seus atuais companheiros de campanha, os donos do Nordeste. Acaba apelando para uma conversa igualzinha a dos pitecantropos que vivem falando em modernidade — aqueles liberais inconformados com a limitação legal das horas de trabalho. Quanto a Lula, parece desprezar o eleitorado sem carteirinha do PT. Mesmo nesse eleitorado há gente informada e capaz de torcer o nariz, ao escutar o besteiro de campanha, mas a fidelidade acaba prevalecendo. Isso permite a Lula, sabe Deus por que, dedicar boa parte de seu discurso à turma que espuma e rosna quando ouve falar em FMI, mesmo sem saber que diabo é ou como funciona.

É uma graça ouvir FHC falar como se os grandes problemas fossem a corrupção, a incompetência e o mau funcionamento da máquina de governo. Na semana passada ele também falou em corporativismo, mas de modo genérico. Para a direita, corporativismo é sobretudo uma característica do pessoal do setor público. Ocasionalmente se reconhecem sintomas da doença em leis como o novo estatuto dos advogados, mas isso ocorre, em geral, quando o fato é escandaloso



OS DOIS CANDIDATOS
PRINCIPAIS TÊM CABEÇA E
QUADROS PARA PROPOR
UMA DISCUSSÃO MUITO MELHOR

demais para não ser notado. O discurso de FHC acaba por contrapor-se, de forma predominante, à versão mais demodê do esquerdismo, como se não houvesse problemas à direita. Ou, pior, como se nada houvesse à direita dele. Falar vagamente em criar empregos e em combater a pobreza do Nordeste não chega a ser mensagem política. Ou, se chega, é da maneira mais conservadora: criar empregos é fundamental, sim, e a questão é hoje mais complicada que há alguns anos, mas e daí? Em que ritmo, onde e com que características mais ocupações poderão aparecer no Brasil, a partir de agora?

Um programa inteiro de governo, incluindo, portanto, uma política industrial, comercial e tecnológica, poderia ser montado a partir dessas questões. Paulo Renato Souza, coordenador do programa de FHC, classifica o problema do

emprego como “o número um do mundo nos próximos 25 anos”, mas não avança na discussão. Limita-se a propor o ingresso rápido no modelo tecnológico em ascensão, defende a integração internacional e aponta as condições mínimas para isso (equilíbrio macroeconômico, bom relacionamento com a comunidade financeira, clima favorável ao investimento, etc.). Por enquanto, não vai além disso, limitando-se a reafirmar o compromisso de FHC com a social-democracia. É pouco, muito pouco, principalmente quando se vê a nova turma do candidato.

A Frente Brasil Popular nada propõe de mais substancial. Lula fala em temas picadinhos, ameaçando; por exemplo, fazer a reforma agrária pelo “valor venal”, usado para o cálculo de imposto. Isso é discussão miúda, reveladora mais de velhas manias e birras do que de um projeto para o País.

Manias e birras caracterizam boa parte da conversa dos petistas e de seus aliados. Não se trata sequer de conversa de esquerda, mas de papo de gente que já era atrasada nos anos 50. Os melhores quadros pouco têm aparecido diante do público e, quando aparecem, estão condenados a sustentar briguinhas inglórias. O candidato a vice Aloizio Mercadante poderia fazer mais, pela campanha do PT, se não estivesse obrigado a criticar o Plano Real. Não é preciso ser petista para saber que a política de câmbio envolve riscos, que a contenção de tarifas públicas pode resultar num abacaxi para o próximo governo, etc. Também não é preciso ser petista para saber que os salários andam baixos. Mas o bordão que contrasta moeda forte e salário fraco é simplesmente boboca. A menos que se deseje insinuar que houve uma escolha entre a estabilização da moeda e a recuperação dos salários. Aí o slogan deixa de ser apenas bobo e se torna safado.

Os dois candidatos principais têm cabeça e quadros para propor uma discussão muito melhor. Pelo menos como demonstração de cavalheirismo: aquela parte do eleitorado que não vota por carteirinha e nem pensa nas outras candidaturas deve merecer alguma consideração.

O AUTOR

Rolf Kuntz é professor do Departamento de Filosofia da USP e jornalista de O Estado de S. Paulo

